"Orgulhosos" e "Vivaldinos": os Nativos de Mullet Springs

SIMONE MALDONADO

"O costume é da ordem da linguagem, de cujas regras os agentes não possuem consciência".

ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA, 1979

No seu livro *Os Pescadores do Golfo,* recentemente publicado pela Achiamé, * o antropólogo George de Cerqueira Leite Zarur analisa aspectos da economia, da cultura e da sociedade norte-americanas, no contexto de uma comunidade de pescadores da Flórida.

Nos primeiros capítulos do livro, o autor considera a questão da antropologia "colonizada", cuja lógica pretende inverter, ao estudar aquela sociedade. Sua proposta é de que os latino-americanos saiam da condição de "nativos típicos" a que têm sido fadados pela tradição antropológica, assumindo o papel de sujeito que empreende o estudo de sociedades desenvolvidas. Tal postura remete à questão do distanciamento que, tradicionalmente, tem visado marcar diferenças, assim como a uma temporalidade que tende a construir o objeto de estudo, o "outro", como tecnologicamente menos avançado, "tradicional", "primitivo", muito religioso ou dependente (Fabian, 1983). Isso tem justificado que a "persona" do antropólogo seja vista como a daquele que "percorre as imensidões orientais em busca dos sentimentos de povos ermos" (Blecher, 1985). A inversão proposta por Zarur marca uma postura interessante, portanto, não

---

* ZARUR, George de Cerqueira Leite. *Os Pescadores do Golfo.* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984, 140 pp.

só pela sua novidade, como pelo alargamento do horizonte antropológico que sugere.

Ainda nos primeiros capítulos, ao falar sobre a construção das relações entre o pesquisador e o grupo hospedeiro, Zarur faz excelente utilização dos momentos em que, como "nativo marginal", presenciou acontecimentos e identificou formas de comportamento que ilustram (no melhor dos sentidos) os princípios e os valores percebidos por ele na convivência com a comunidade de Mullet Springs. Essa instância do livro, em que o autor considera a praxis antropológica, remete à experiência da observação participante e à relação dialógica que se estabelece entre o pesquisador e o seu objeto de estudo, tanto do ponto de vista da interferência do antropólogo na vida do grupo que visita e do resultado do diálogo entre os dois, como do anedotário sobre "doutores", "fiscais", "curadores" e até "candidatos a pescador", nominações de que temos sido objeto por parte das populações que estudamos.

A noção de racionalidade que orienta a dimensão econômica do trabalho é também objeto da parte introdutória do livro, em que o autor a analisa do ponto de vista da economia clássica e sob uma perspectiva relativista.

Objetivando o comportamento econômico e a ideologia relacionada com esse comportamento entre pescadores, o livro traz considerável interesse para os estudos de pesca existentes na literatura antropológica.[1] Esses trabalhos têm-se voltado, principalmente, para os chamados "pescadores de pequena escala" ou "pequenos produtores", seja tratando de identificar a especificidade da sua organização econômica, seja olhando-os sob o prisma da modernização e do cooperativismo. Com relação à primeira abordagem, os estudos se voltam para as relações de trabalho e de troca, privilegiando o parentesco como instância determinante e para os mecanismos de distribuição. A segunda corrente tende ao estudo dos processos de modernização, capitalização e assalariamento na produção pesqueira, assim como de cooperativismo. Para ambas, a pesca é uma atividade caracterizada pelo risco e pela incerteza, e o pescador tende a ser desconfiado, pouco cooperativo, reservado e sem espírito associativo. Por outro lado, há esforços classificatórios no sentido de enriquecer as abordagens analíticas existentes sobre pescadores, que têm resultado na sua inclusão na categoria de "camponeses", junto com os produtores agrários, e em generalizações

---

1 Para uma bibliografia completa, ver Acheson, 1980.

sobre o "campesinato marítimo" (Breton, 1981; Breton e Labrecque, 1981; Löfgren, 1977; Diegues, 1983). Como diz o próprio Zarur ao explicitar a noção de "racionalidade econômica" como informadora do seu trabalho, se a pesquisa tivesse sido feita no Brasil, o instrumento apropriado para alcançar a realidade seria o conceito de campesinato. Mas, apesar de dedicar considerável espaço no livro à produção e, principalmente, ao mercado de produtos do mar, a representatividade de Mullet Springs não parte da sua especificidade enquanto grupo pesqueiro, e sim, do fato de ser um componente do contexto cultural norte-americano. Sob esse prisma, o antropólogo se faz orientar por conceitos e categorias que ele pressupõe serem os que informam o código social e organização produtiva daquela sociedade. À semelhança das categorias "nativas" de pensamento que temos procurado e identificado em outros tipos de sociedade, tais conceitos não seriam perceptíveis aos olhos dos seus agentes americanos. Este é um pressuposto primordial do livro, que me parece ter dado suporte à proposta de Zarur de inverter a lógica da antropologia.

A análise da produção e da distribuição do pescado é objeto dos capítulos IV e V e, nesse momento, o autor faz a ligação entre relações de classe, racionalidade econômica e uma importante instituição da ordem da distribuição, que é a *fishhouse*, ou entreposto de venda de peixe. Parecem ser as *fishhouses* o palco em que se dão as relações econômicas, a partir de princípios e valores daquela sociedade. Ao caracterizar os "nativos" de Mullet Springs, Zarur coloca como primordial o fato de que estes não só se outorgam prerrogativas quanto a locais de pesca privilegiados, como realizam um comportamento "racional", ao competir pela preferência dos donos de *fishhouses* pela compra da produção, o que lhes confere superioridade na competição a nível econômico.

Entre os pescadores de Mullet Springs ocorrem fenômenos como falta de espírito cooperativo, violência, tendência ao segredo, à ocultação das rotas e dos bancos de peixe, espionagem econômica e assalto às armadilhas, que se têm verificado com incidência bastante alta em outros grupos pesqueiros do mundo, tendo mesmo, em várias instâncias, sido considerados característicos do "espírito dos pescadores" (Kottak, 1979) e intrínsecos à natureza do trabalhador do mar. Falando deles, Zarur alcança o nível das relações sociais em que princípios morais (como o individualismo e a superioridade) levam ao acesso ao mercado externo, a bancos de pesca privilegiados, à derrota do oponente (que é a regra básica do jogo

social entre os americanos de Mullet Springs) e a um comportamento econômico "racional".

O capítulo VI me parece central aos pressupostos do antropólogo. Nele se confirma a existência desses traços, contextualizados a partir de valores de esperteza, independência, orgulho e superioridade, que são a expressão do individualismo, e que informam o código social, sendo parte das tradições culturais de Mullet Springs e, quiçá, da sociedade americana. Neste capítulo, tem-se a divisão do espaço social em Mullet Springs a partir dos binômios de opostos constituídos por "orgulhosos" (*proud*) e "vivaldinos" (*smart*) e de "nativos" (*native*) e "de fora" (*outsiders*). O orgulho e a esperteza são dois princípios ideológicos que orientam o comportamento em Mullet Springs e que resultam num "nativo", num homem "orgulhoso" e "vivaldino", num homem "racional". Clânicos e agressivos, competitivos e vivaldinos, os "nativos" organizam o mundo das suas relações num "nós" superior e num "outro" assustadiço e comedor de *coon oysters*, que nem sequer são comida de gente.

Tal é a leitura que me sugere a contextualização intelectual do comportamento econômico "racional" e das práticas sociais dos pescadores do Golfo. E a intenção primeira deste trabalho não me parece ter sido outra, senão a tarefa, por excelência, do projeto antropológico, qual seja a busca de categorias orientadoras do pensamento e do comportamento que têm caráter inconsciente e se realizam num modo de ser. Junte-se a esperteza ao orgulho e ter-se-á o padrão "nativo" e "racional" dessa variante do individualismo norte-americano.

Nos capítulos que dedica ao parentesco, Zarur aborda a divisão do trabalho, os tipos predominantes nessa relação e a construção social do binômio "nativos" e "de fora" de que já falamos, assim como registra atitudes de orgulho e de esperteza, relacionando-os com a reprodução da ordem social ali vigente, mostrando como também se fazem sentir, por exemplo, na pobreza de associações voluntárias, o que considera um desvio da tendência geral do povo americano.

Ao concluir o livro, Zarur vê confirmados os seus pressupostos quanto à racionalidade econômica do sistema, em que os "nativos" que apresentam um grau mais alto de espírito cooperativo, têm um maior domínio do ambiente produtivo, do mercado distribuidor de pescado e da estrutura de poder e de prestígio da comunidade, caracterizando-se como economicamente "racionais".

Trata-se de um livro de antropologia bem sucedido, cujo aspecto mais importante a meu ver é o da busca empreendida pelo seu autor. Com o mesmo propósito do antropólogo "tradicional", que constrói distante e mais "simples" o seu objeto de estudo, ele buscou nos Estados Unidos um homem universalizado na sua ordenação do mundo e no pertencimento a uma tradição cultural, o que o leva a ver nos seus próprios padrões a expressão máxima de humanidade.

Ao interesse das questões suscitadas pelo livro e ao modo como George Zarur expõe o resultado desta sua incursão antropológica, soma-se o interesse da boa literatura antropológica em português para utilização didática, o que considero (assim como o autor, estou certa) uma importante dimensão da literatura antropológica.

BIBLIOGRAFIA

ACHESON, J. M. Anthropology of Fishing. *Annual Reviews of Anthropology 10,* 1980.

BLECHER, Nelson. *Folha de S. Paulo,* 9 de maio de 1985.

BRETON, Yves. *Pêche Côtière et Classes Sociales au Yucatan.* Quebec: Presses de l'Université Laval, 1981.

BRETON, Y. e M. F. LABRECQUE. *La Paysannerie Maya dans les Basses Terres.* Quebec: Presses de l'Université Laval, 1981.

DIEGUES, A. C. S. *Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar,* Ensaios 94, São Paulo: Ática, 1983.

FABIAN, J. *Time and the Other. How Anthropology Makes its Object.* Nova Iorque: Columbia University Press, 1983.

KOTTAK, C. P. Ecology, Behavior and the Spirit of Fishermen. Mimeo, s.d.

LÖFGREN, O. Marine Ecotypes in Pre-Industrial Sweden. Mimeo, 1972.